



A Flor vai pescar num Bote: uma dualidade pictórica

Anabela de Oliveira Figueiredo

3.figueiredo@gmail.com, Agrupamento de Escolas de Penacova

Resumo

O objectivo inicial deste ensaio consistiu em fazer uma breve abordagem teórica à importância da ilustração na educação da literacia visual das crianças, destacando a materialidade do livro infantil.

Mais especificamente, foi feita uma análise comparativa da Materialidade do livro *A Flor Vai Pescar Num Bote*, de Alves Redol, tendo por base as ilustrações da 1.^a edição (1986), comparativamente com a edição mais recente do mesmo título (2006).

Este levantamento foi implementado com um grupo de alunos, do 4.^o ano de escolaridade, do 1.^o Ciclo do Ensino Básico, do Agrupamento de Escolas de Penacova, incidindo, assim, sobre os trabalhos realizados pelos mesmos, na análise comparativa da materialidade dos dois volumes em causa.

Palavras-chave: Literatura Infantil, literacia visual, ilustração, Materialidade do Livro

Abstract

The basic aim of this work consisted in make a brief theoretical approach to the importance of illustration in the education of visual literacy of children, emphasizing the materiality of children's books.

More specifically, it has been made a comparative analysis of the materiality of the book *A Flor Vai Pescar Num Bote*, from Alves Redol, based on the illustrations of the first edition (1986), compared with the most recent edition of the same title (2006).

This survey was implemented with a group of students, of the 4th level, from the Basic Education Schools of Penacova, focusing, thus, on the work fulfilled by them, in a comparative analysis of the materiality of the two books concerned.

Key-words: Literature for children, visual literacy, illustration, materiality of a book

A Flor vai pescar num Bote: uma dualidade pictórica

Em 1968, Alves Redol editou a obra *A Flor vai pescar num Bote*, destinada ao

público infantil. Como o próprio esclarece, no artigo «Como Escrevi Histórias para Crianças» (*A Capital*, nº 316, Jan. 1969), limitou-se «a jogar com as palavras»:

E aí me pus eu, o escritor maldito, a jogar com as palavras, a torná-las vivas, a juntá-las em novas combinações e ritmos; elas com a sua realidade e imaginação prodigiosa, eu a inventar outros caminhos para a inesgotável fantasia da música fonética, de maneira a que nos tornássemos companhia, estímulo e deslumbramento para os meninos de seis anos.

Que bela aventura!

Em colaboração com Leonor Praça³² estudaram hipóteses, fizeram planos e concluíram que deveriam começar pelo princípio, iniciando a sua tarefa por livros dedicados às crianças, com frases curtas, onde predominavam os monossílabos e dissílabos. Recentemente, em 2006, a editora



num

³² A pintora Leonor Praça, ilustradora dos volumes *A Flor Vai Ver o Mar* e *A Flor Vai Pescar Num Bote*, de Alves Redol, de uma forma imaginativa, recriou todas as personagens e situações, enchendo as palavras e as histórias de imagens.

Caminho publicou a segunda edição, substituindo o preto e branco das ilustrações, pela pintura leve e delicada das aguarelas de José Miguel Ribeiro.

Enigmáticamente, perante estas duas representações distintas, as crianças são confrontadas com a dualidade pictórica, o que nos coloca a questão de saber até que ponto este aspecto vai influenciar ou não a criança na sua representação imagética. Isto é, que conclusões irá tirar desta dupla ilustração?

Neste sentido, o presente trabalho explora a materialidade do livro infantil com especial destaque para a importância da ilustração na educação da literacia visual das crianças, destacando o prestígio da estética literária na literatura infantil. O nosso intuito é proceder à análise do papel que a ilustração assume na recepção da obra – *A Flor vai pescar num Bote de Alves Redol* –, ilustrada pelos dois ilustradores em épocas diferentes.

Somos conscientes de que a ilustração é um elemento integrante do livro destinado à infância, tendo adquirido uma importância crescente no âmbito da publicação, nos últimos tempos. Por vezes esta colaboração estreita entre o autor e o ilustrador leva-nos a questionar a autoria da obra. A quem pertence o livro, ao autor ou ao ilustrador?

Na ilustração identificamos a narrativa visual como uma abordagem que se apropria de conceitos elencados na narrativa verbal, dando a entender o processo percorrido pelo ilustrador, tendo o texto como ponto de partida, na transição de uma linguagem para outra. Logo, não se pode esperar um reduplicar do conteúdo trabalhado, mas sim o renascer de uma nova obra de arte, em diálogo com o texto, mantendo a originalidade da sua afirmação estética. Assim sendo, é nossa pretensão refletir, neste trabalho, sobre as potencialidades da ilustração na obra trabalhada, equacionando a sua dimensão na página, a sua relação com a mancha de texto, as lutas de território entre texto e imagem, nas páginas do livro, assim como as diferentes produções de sentido:

En el álbum³³, a pesar de que las imágenes ofrecen una información que permite descargar al texto literario de parte de sus funciones (descripción de personajes y de acciones, verbos introductorios), a menudo la ilustración, sin apoyo del texto, ofrece otro tipo de información³⁴.

Contudo, em nosso entender, um livro ilustrado deve ser concebido como uma unidade que integra todas as suas partes, designadas numa sequência de inter-ligação. O livro ilustrado engloba elementos paratextuais como o formato, a capa, as guardas, entre outros, dando-nos pistas fundamentais que se vão encontrar no discurso ou ajudar a interpretar o mesmo convertendo-se em detalhes dignos de análise. Assim sendo, a ilustração não deve levar a uma duplicação dos sentidos, deve, sim, contribuir para a construção de significados, da palavra ao texto e do texto à imagem, numa cumplicidade linguística, combinando a imagem com a palavra. Esta inter-acção entre a linguagem verbal e a linguagem pictórica permite o cumprimento das funções narrativas de ambos os discursos – o plástico e o discursivo. Este diálogo entre duas linguagens – a verbal e a icónica –, que de forma harmoniosa se complementam e inter-seccionam, cria uma atmosfera poética que deslumbra e estimula a sensibilidade e a imaginação do público leitor.

O sentido final é o de que as imagens interrompem a leitura e concentram a atenção do leitor noutro processo comunicativo. Significa isto que as imagens transmitem ideias na medida em que

³³ O Livro álbum não é apenas um livro ilustrado. O Livro álbum pode existir sem texto, mas não pode existir sem imagens. A narrativa nos livros álbum é um produto do texto visual ou da sua inter-relação dialogal com o texto verbal. Para um maior desenvolvimento desta temática, leia-se Nikolajeva, M.E.Scott, Carole (2001) *How Picturebooks work?* London: Garland Publishing.

³⁴ Armas, 2003, p. 171.

dão “corpo” às palavras. Estas têm um poder evocativo enquanto as imagens têm um poder representativo, ajudando a consolidar visões. A relação entre as palavras e as ilustrações pode variar desde uma relação de óbvia congruência até uma relação de ironia. Logo, a ilustração é um factor decisivo na construção de sentido(s) na literatura infantil.

Ainda assim, permanecem algumas questões: Como é que o ilustrador colabora com o texto? Aproxima-se? Afasta-se? O que é que é selecionado para ilustrar? Propomo-nos dar respostas a estas questões no decorrer da análise do livro *A Flor vai pescar num Bote*, numa comparação do trabalho realizado pelos dois ilustradores, numa viagem, com «botes e arrais», percorrendo a distância entre a realidade e o sonho, com a ajuda do mundo das palavras e das imagens, entre as «ondas do Mar Alto e as areias do Alto Mar», numa história que tem como personagem principal uma flor que, no final da história deseja ser menina, uma menina chamada Maria Flor. A imaginação de Leonor Praça acrescentou a esta menina/flor uns olhos enormes que transparecem na história que nos é contada pelo autor. É de realçar, logo aqui, uma das diferenças com que nos deparamos nas ilustrações feitas pelos dois ilustradores.

De facto, Leonor Praça apresenta, na última imagem do livro, a flor transformada em menina – a Maria Flor – (Fig.1), personagem principal de *Uma Flor chamada Maria*³⁵, uma menina que vai à escola para aprender. Por sua vez, José Miguel Ribeiro termina a história mantendo a ilustração da personagem principal, somente no novo volume a flor será transformada em flor menina (Fig.2).



Fig.1 – Edição 1968

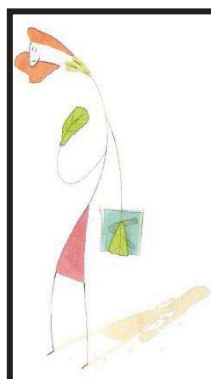


Fig.2 – Edição 2006

Ainda no respeitante aos ilustradores, na primeira edição do livro aparece referido na capa: Alves Redol escreveu/ Leonor Praça ilustrou (Fig.3), numa correspondência total dos caracteres, o que nos leva a acrescentar que não era uma situação muito recorrente na época em que o livro foi escrito (em que prevalecia destacado o nome do autor e muitas vezes o do ilustrador nem era mencionado na capa). Também na segunda edição prevalecem os dois nomes mas com uma configuração ligeiramente diferente: Alves Redol / ilustrações de José Miguel Ribeiro (Fig.4), destacando-se, aqui, os caracteres do nome do autor comparativamente com os do ilustrador, ainda que de uma forma quase insignificante.

³⁵ O terceiro volume da coleção «Flor».

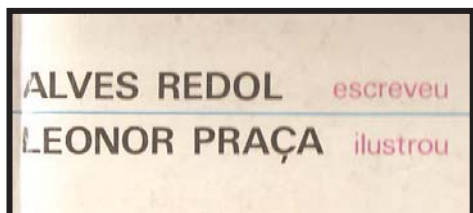


Fig.3 – Capa da edição de 1968



Fig.4 – Capa da edição de 2006

Fazemos notar que o escritor começa a narrativa mencionando um bar onde o Chim faz chá para quem chega. Esta mensagem verbal é complementada pela mensagem visual, podendo verificar-se um reforço do estereótipo (chinês), em que o ilustrador acrescenta algo ao que é apresentado no texto. Ressalve-se, no entanto, a forma como é feita pelos dois ilustradores. Enquanto Leonor Praça (LP)³⁶ apresenta uma imagem de uma figura masculina com traços orientais (Fig.5), José Miguel Ribeiro (JMR)³⁷ realça o bar, destacando-se o telhado num formato chinês (Fig.6). Podemos ainda acrescentar que a representação da imagem do Outro é de crucial importância tendo em conta a função de socialização cultural que é assumida na história.



Fig.5 - Edição 1968 (p. 5)

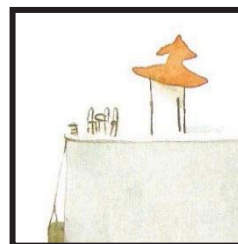


Fig.6 – Edição 2006 (p. 8)

Já num outro ponto da narrativa, um elemento da cultura chinesa – o bule – que aparece integrado tanto na representação escrita como na ilustração – LP (Fig.7), JMR (Fig.8). Podemos sublinhar ainda a alusão à forma de vestir do Chim – «fato de cetim» (p. 22)³⁸ – e a referência à sua nacionalidade – «(...) ó Chinês!» (*idem*) –.

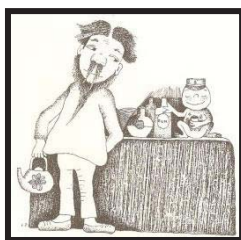


Fig.7 – Edição de 1968 (p. 20)



Fig.8 – Edição 2006 (p. 23)

A presença desta personagem específica – o Chim – faz com seja feita alusão a elementos culturais de uma outra cultura – a chinesa – iniciando o leitor no jogo da intertextualidade.

³⁶ A partir deste momento, sempre que nos referirmos às ilustrações de Leonor Praça estas serão designadas pelas iniciais LP.

³⁷ Na sequência da nota anterior, as referências às ilustrações de José Miguel Ribeiro serão designadas pelas iniciais JMR.

³⁸ Nas citações efectuadas à narrativa da obra será utilizada a edição de 1968, referida na Bibliografia.

Também a análise do verso da capa, da segunda edição, reforça esta prática da intertextualidade quando acrescenta mais alguma informação, ainda que pouca, sobre o escritor e os “quatro livros que têm por personagem central Flor-Maria Flor” (Fig.9). Acrescentamos ainda que os dois volumes – *Uma Flor chamada Maria* e *Maria Flor abre o Livro das Surpresas* –, publicados em 2007, são acompanhados pela indicação bibliográfica do autor e do ilustrador (Fig.10), um facto que, na nossa opinião pessoal, talvez se deva a estes dois livros se dedicarem aos meninos e meninas “mais crescidinhos”.

Alves Redol (1911-1969) foi um dos nomes cimeiros da literatura portuguesa do século xx. Os quatro livros que têm por personagem central Flor-Maria Flor foram originalmente publicados em finais da década de 60. Regressam agora ao convívio dos leitores mais jovens, ilustrados pelo talento de José Miguel Ribeiro.

Fig.9 – Edição de 1968



Fig.10 – Edição de 2007

Numa perspetiva mais prática, nos quadros que o autor descreve, encontramos alguns elementos – a Flor, a Rã, o Cão, o Sol, o Pau, a Lua, o Bote, o Rio, o Peixe – que se entrelaçam ao sabor da imaginação do escritor, num jogo fértil com as palavras. Estes vocábulos, destacados em letra maiúscula, no corpo do texto, aparecem também realçados de cores diferentes (Fig.11), por JMR, assistindo-se, com singularidade, ao realçar de cada momento.

como ouviu e não gostou,
o que disse o Chim ao Cão,
diz ao Chim com fato de cetim:

Fig.11 – Edição de 2006 (p.24)

Neste quadro, é de reter a lição de vida que é transmitida decorrendo das atitudes assumidas pelas personagens. Como exemplo pode ser referida a história que a Rã conta. Esta, quando recebe de um velho amigo do Chim, o «lobo do Mar», um boné com uma fita «cor de prata», pensa ser um arrais do Alto Mar. Este «lobo do Mar» aparece ilustrado de forma diferente nas duas edições – LP desenhou uma figura humana masculina (Fig.12), por sua vez, JMR desenhou o animal marinho (Fig.13) –, este aspeto também foi realçado por uma criança aquando da análise das duas edições na sala de aula³⁹, como podemos verificar no texto apresentado (Fig.14).

³⁹ Neste momento desempenhamos a função de Formadora Residente do Programa Nacional de Ensino do Português (PNEP), com professores do 1.ºCEB. Neste sentido, apresentamos a opinião de algumas crianças resultante de uma aplicação prática nas turmas do 4.º ano de escolaridade, nas escolas do 1.º CEB do agrupamento de Penacova, em que foi trabalhada a comparação das duas edições do livro *A Flor Vai Pescar Num Bote* de Alves Redol.



Fig.12 – Edição de 1968 (p.11)



Fig.13 – Edição de 2006 (p.15)

O lobo do mar é um homem, um senhor,
no livro mais antigo. do livro mais mo-
no o lobo do mar é um animal do mar,
que se chama animal marinho.

Fig.14

Dando continuidade à narrativa, ao sentir-se lisonjeada a rã «incha por se ver grande» (p. 12). Toda animada, conta a história do seu avô à Flor. A história é exagerada e os amigos gozam com ela. Todo o enredo prossegue terminando numa brincadeira, em que a rã se transforma numa bola, «a bola de cinco cores» (p. 14), num conjunto de situações em que o lúdico e a fantasia assumem um papel preponderante. Aqui, a observação atenta de uma criança mostra, no seu comentário, o facto de a ilustração de JMR não coincidir com o que aparece transcrito no texto escrito por Alves Redol (Fig.15).

Diferenças:
de rã aparece sempre de cor verde mas
da na estória tem cinco cores: azul,
verde, branca, preta e gris.

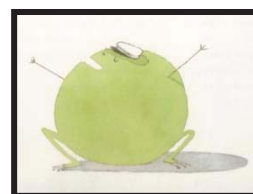


Fig.15

Gostaríamos ainda de fazer referência à dimensão lúdica da linguagem, que permite estabelecer alguma articulação entre este texto e as rimas infantis da tradição oral. Ainda a este respeito, ao

longo de toda a história, o aspecto lúdico impõe-se na forma de trocadilhos, repetições, jogos de palavras, algumas rimas e aspetos do imaginário que aparecem bem integrados no texto. O leitor entra no mundo do *nonsense*, o que lhe permite um maior entusiasmo na sua leitura.

Um aspeto que se torna pertinente é o da ilustração, onde a história se faz acompanhar de imagens numa coabitação perfeita entre a linguagem verbal e a linguagem pictórica. Este recurso à linguagem pictórica é muito revelador da consciência do papel da ilustração nesta área específica da literatura em que os desenhos produzem algum efeito sobre a criança, sendo também de salientar o facto de tanto o escritor como os ilustradores o terem feito de forma bem consciente, como já foi feita referência anteriormente. Nas estampas de LP a linguagem visual dialoga, de forma ajustada, com a linguagem verbal. Este reconhecido equilíbrio entre a imagem e o texto permite à criança, num momento posterior, recordar o que leu. Uma outra vantagem que aparece aqui associada é o facto de os desenhos poderem ser pintados pelo jovem leitor, segundo a sugestão presente nos livros.

Para complementar esta ideia, acrescentamos que na primeira edição, no verso da capa, é pedido às crianças, em nome da personagem principal, que pintem o conto (Fig. 16), reforçando, assim, a indicação dada na capa de que se trata de um livro “para ler e colorir” (Fig.17), destacado em caracteres maiúsculos. Este pormenor é revelador da estreita relação que o livro infantil tinha com o sistema educativo, na época em que foi escrito.

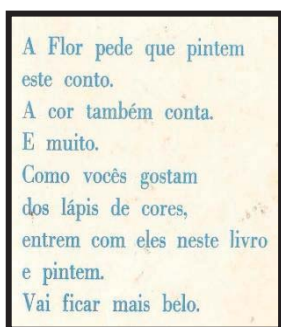


Fig.16 – Edição de 1968 (capa)



Fig.17 – Edição de 1968 (capa)

A ilustração de LP reflete um intenso contraste entre o preto utilizado no desenho e a folha de papel branca, onde o traço das ilustrações se aproxima da representação do real. As imagens ocupam predominantemente o fundo da página, à exceção das páginas 28 e 35, em que ocupam a parte superior, e algumas páginas (6,13,17,19, 29, 31, 33) que têm apenas ilustração, também se verifica a situação em que a imagem partilha duas páginas (16/17; 18/19; 24/25; 30/31; 40/41), verificando-se uma economia de texto em relação à ilustração.

De forma bem diferente, JMR ilustrou figuras bastante dinâmicas, pintadas a aguarela, numa tonalidade esmaecida e esbatida, em que alguns objetos são contornados com um traço preto muito fino, predominando os tons de azul e verde para representar a água do rio e do mar, «o Rio é bem verde /se casa com o Mar, / ficam os dois verde-mar» (p: 7), também estão presentes os tons amarelados da «a luz do luar» (p: 32) e alaranjados porque «o sol é de lume» (p: 10). Neste volume predominam as imagens em folha dupla (8/9; 10/11; 20/21; 28/29; 30/31; 32/33; 34/35; 36/37; 40/41), as restantes ilustrações aparecem na parte inferior da página. Esta diferente distribuição das gravuras, numa e noutra publicação, leva a que na primeira edição a história ocupe 39 páginas e na segunda apenas em 36.

Forçosamente, estas alterações implicam uma outra distribuição do corpo do texto, como podemos ver na comparação dos dois primeiros pares de gravuras apresentadas, respeitantes ao mesmo corpo de texto, embora também se faça notar a coincidência do enquadramento do mesmo texto verbal em algumas representações pictóricas em página dupla.



Fig.18 – Edição de 1968 (pp.4,5)



Fig.19 – Edição de 2006 (pp.8,9)

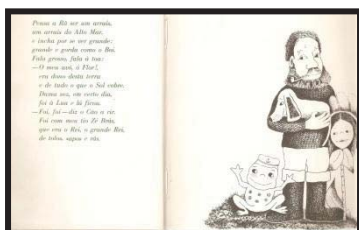


Fig.20 – Edição de 1968 (pp.12,13)



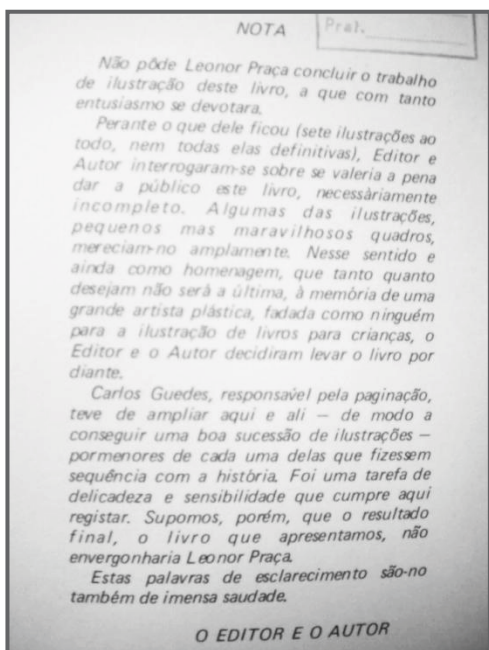
Fig.21 – Edição de 2006 (pp.16,17)



Fig.22 – Edição de 1968 (pp.40,41)



Fig.23 – Edição de 2006, (pp.40,41)



Abrimos aqui um parêntesis para uma breve referência a uma homenagem prestada à pessoa de Leonor Praça «uma grande artista plástica, fadada como ninguém para a ilustração de livros para crianças» (Fig.24), palavras com as quais não poderíamos estar mais de acordo (Torrado, 1976).

Fig.24 – O Veado Florido, edição especial de 1975

Podemos concluir a referência a este complemento da narrativa, a ilustração, aludindo à influência que a abundância de figuras provoca no leitor. Tanto num como noutro ilustrador, a apresentação da imagem é coerente com o texto desenvolvido, salvo as exceções mencionadas. Contudo, torna-se bastante revelador o facto de na

ilustração feita por JMR, predominar uma expressão mais animada e dinâmica. Ainda assim, o traço desenvolvido pelos dois ilustradores ajusta-se perfeitamente ao público-alvo, como se os desenhos tivessem sido concebidos pelas próprias crianças. Verifica-se também uma tentativa de captar os momentos mais caricatos e mais representativos da história, com estampas alegres e humoradas.

Registamos duas observações que atestam a opinião das crianças sobre as ilustrações e o livro *A Flor vai pescar num bote*, escrito por Alves Redol:

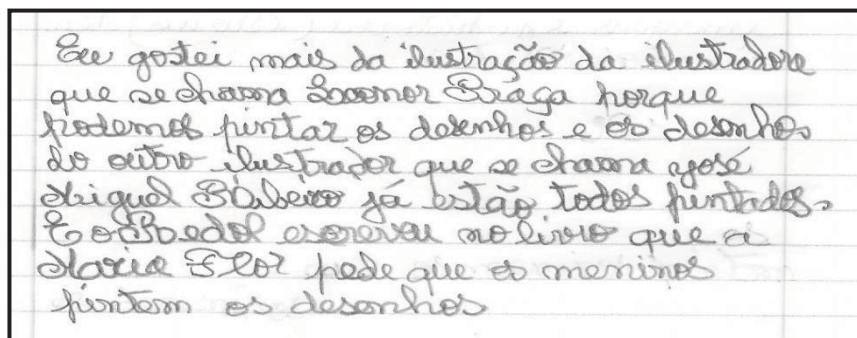


Fig.25

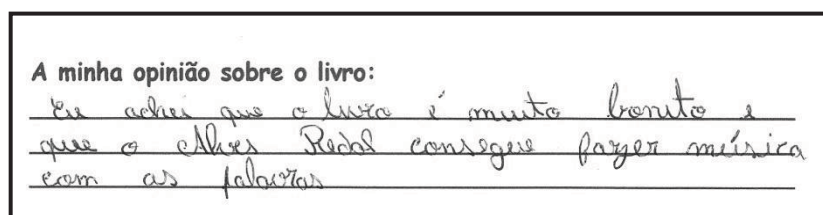


Fig.26

Ora, assim sendo, a imagem surge como um elemento “complexificador” e não como elemento “simplificador”, gerador de novas descobertas, por parte do leitor, um convite à sua curiosidade, levando-o a diferentes “experiências interpretativas”.

A ideia tradicional de que o texto era para ser lido (...) e as imagens para serem vistas (...) foi questionada. O texto tornou-se interfuncional e adquiriu uma expressiva capacidade de comunicar para além da sua funcionalidade, movendo-se para o âmago do ilustrativo. (...) Similarmente, as imagens podem ser “lidas”, sequenciadas e combinadas para formar padrões de informação mais complexos⁴⁰.

Com efeito, a imagem apoia a leitura literária, matiza, complementa o que o texto dá, enriquecendo o imaginário do receptor. A imagem impõe a sua estética ao ilustrar o texto literário. Assim, no diálogo estabelecido entre o texto e a imagem pode verificar-se uma ampliação, uma limitação ou a criação de situações paradoxais. Nesta obra não estamos perante uma história simplificada mas perante três possíveis histórias: “a do texto escrito, a da imagem e a que a imagem e o texto inter-relacionados contam” (Maia, 2003: 119).

⁴⁰ Heller e Pomeroy, 1997, p. 150, in Maia, 2003, p. 123.

Não obstante tudo o que foi mencionado, as ilustrações acrescentam detalhes que cativam o olhar dos mais pequenos, fazendo com que cada leitura seja uma nova experiência e oferecem recursos infinitos para uma maior aproximação ao livro e à leitura, desenvolvendo a memória visual, ativando a inteligência, cativando o leitor, criando leitores sensíveis à diferença, mais autónomos e até mesmo críticos.

Contudo, não gostaríamos de terminar sem abordar um elemento novo da segunda edição de *A Flor vai pescar num Bote* nos oferece – as guardas –, num motivo padronizado de uma flor (Fig.27), em alusão à personagem principal. De notar que, até há pouco perfeitamente inócuas, as guardas dos livros ilustrados para o público infantil estão a revelar-se elementos cada vez mais significativos do ponto de vista da mensagem e da construção narrativa.



Fig.27

Bibliografia Ativa

- Redol, António Alves (1968). *A Flor Vai Pescar Num Bote*. Lisboa: Publicações Europa-América.
 _____ (2006). *A Flor Vai Pescar Num Bote*. Lisboa: Caminho.
 Torrado, António (1976). *O Veado Florido*. Lisboa: Editorial “O Século”.

Bibliografia Passiva

- Armas, Jesús Diaz (2003). Estratégias de desbordamento en la ilustración de libros infantiles, in *Leitura Literatura Infantil Ilustração Investigação e Prática Docente*, de Fernanda L.Viana, Marta Martins, Eduarda Coquet. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, pp. 171-180.
 Figueiredo, Anabela de Oliveira (2005). *A Obra de Alves Redol para Crianças*. Dissertação de Mestrado.
 Maia, Gil (2003). Estrelinhas: quando o texto também é ilustração, in *Leitura Literatura Infantil Ilustração Investigação e Prática Docente*, de Fernanda L.Viana, Marta Martins, Eduarda Coquet, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, pp. 145-155.

Periódicos

- Redol, Alves (1969), Como Escrevi Histórias para Crianças, in *A Capital*, nº 316, 8 de Janeiro.